

A MAÇA



ANNO IV
Nº 179

RIO DE JANEIRO
11 DE JULHO DE 1925

Silva
925

— SE CORRER ESTES DOIS KILOMETROS DOU-LHE A BEIJAR O MEU BRAÇO...
— VOU CORRER VINTE... QUE É QUE ME DÁ?...

EXPEDIENTE

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Avenida Mem de Sa, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos rossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atrazo de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses pedimos resposta, ás nossas reiteradas cartas, aos seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	— Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—
Domingos Orfanó	— Alfenas	—
Francisco Gonthier	— Dôres do Indayá	—
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—
José Fauslo Dias	— Ponte Nova	—
Raymundo Dias	—	—
Modesto Vieira	— Jequinhonha	—
Antonio Gentile	— Soledade	—
	— Caxambú	—
Neslor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—
Sizenando Ilabaiana	— Januaria	—
Armando Santos	— Viçosa	—
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—
Brilo & Santos	— Patrocínio	—
Nicanor Figueiredo	— Dirapora	—
Mario Salgueiro Vianua.	— S. L. Carangola	—
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—
Othon Dias	— Machado	—
Abraham Bichana	— Leopoldina	—
Carlos Alves	— Januaria	—
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—
C. Oliveira Azevedo	— Oiveira	—
S. Rezende	—	—
M. Franco	— Itauna	—
A. Salles	— Caralinga	—

Assignatura e venda avulsa

Estados:		Capital:	
Anno.....	25\$000	Numero avulso.....	\$500
Anno (sob registro).....	50\$000	Alrasado.....	\$600
Numero avulso.....	\$600	Idem, sob registro mais..	\$600

Para o Exterior

Porte simples:		Registrado:	
Anno.....	50\$000	Anno.....	60\$000
Semestre.....	30\$000	Semestre.....	55\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê		Em papel asselinado	
1 pagina.....	250\$000	1 pagina.....	200\$000
1/2 ".....	130\$000	1/2 ".....	110\$000
1/4 ".....	70\$000	1/4 ".....	60\$000
Capa anterior - (cores)..	450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000	
Contra capa, 1a. e 2.a	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

O Bacalhau do Almirante

O fallecido almirante Ferreira do Amaral era um bom garfo. Comia bem. Um dia, a bordo, serviram-lhe o almoço da sua predilecção: bacalhau com batatas. O almirante comeu, comeu... Por fim só restava um rabo de bacalhau na travessa.

— Rapaz! — gritou — traz mais batatas para acabar aquelle bacalhau.

Vieram as batatas e o almirante comeu...

— Rapaz! traz mais bacalhau para estas batatas.

Veiu o bacalhau e o almirante comeu...

— Rapaz! traz mais azeite para acabar este bacalhau e estas batatas.

Veiu o tempero e a coisa continuou...

— Rapaz! Traz mais bacalhau e batatas para acabar este azeite... — CAMARA LIMA.

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, é horrivel... porque abusam da saude por todas as fórmas..

— Quasi todas as senhoras, moças ou meninas, soffrem das urinas e mais vulgarmente desse corrimento que se chama leucorrhéa.

Todas... excepto as que usam BLENOL, porque não exige cuidados especiaes e faz voltar as boas côres e a boa disposição.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44

— Porque é que as moças se vestem de branco no dia do casamento?

Porque é a côr da alegria e porque o dia do casamento é para uma noiva um dia de alegria.

— Mas, sr. padre — insiste o Joãozinho — porque é então que os noivos se vestem de preto?

O uso do Sabonete

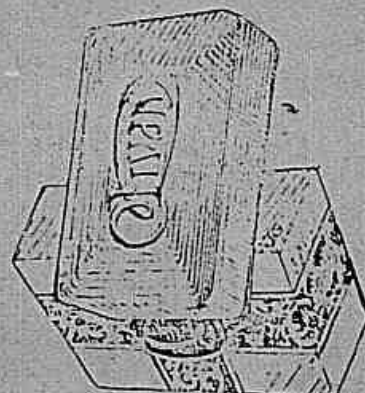


Nos 1, 2 ou 3

Preserva a pelle de:

Manchas Cravos
Sardas Vermelhidões
Espinhas Comichões
Rugosidades Irritações

(LABORATORIO
OLIVEIRA JUNIOR)



VELHOS-OUVI!

A MOCIDADE E' TUDO

A Saude do homem, não contem absolutamente cantharidas, nem outra substancia animal, que possa prejudicar qualquer orgão do corpo humano. E' simplesmente um tonico nervino e gerador das forças perdidas pelo prolongamento da idade. E' o vosso paraíso... E por ser o mais energico de todos os reconstituintes modernos, é que cura: IMPO-TENCIA (até a idade de 90 annos).

Neurasthenia, falta de memoria, nervosismo, terrores nocturnos, insomnia, beri-beri, polluções nocturnas, dyspepsia, tontura, esgotamento nervoso, fraqueza cerebral, polynevrites, phosphaturias, paralysisa dos nervos, cansaços etc. De Abril de 1913 a esta parte, 1.223 curas do nosso pleno conhecimento!

Depositariorios: SCHILLING, HILLIER & Co. Ltda. — Escriptorio e Deposito Rua 1.º de Março, 4 — Telephone Norte 821

ODONTOL

PASTA PO'- ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLAREAM E
CONSERVAM
OS DENTES

PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

FCO. GIFFONI

1º de Março 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO
MEDICINAL

**PERFUMA, =
= ONDULA,
AMACIA E =
CONSERVA O
CABELLO.**

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & CA
RUA 1º DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO

PRESENTES

O marido da linda Angela era activissimo homem de negocios e mulhereiro como ninguem. Viajava muito e jamais cahia na tolice de perder um «amor» pilhado a geito, qualquer que fosse elle. E, de todas as viagens em que Eros não o protegia convenientemente, regressava mal humorado, carrancudo, e a linda Angela sentia as lagrimas lhe joeirarem os bellos olhos verdes. E, amuadinha:

— Você não gosta mais da sua mulherzinha! Nem um presente lhe trouxeste...

Mas, quando nas jornadas cantava-lhe Amor suas mais bellas canções, elegendo-o como seu dilecto filho, deliciando-o com corpos «souples» e amorosos em quartos magnificos de elegantes hotéis, então o delicado esposo levava á linda Angela punhados de presentes qual mais bello, chegava risonho, terno, muito afagante, e ella, com os bellos olhos verdes irradiando felicidade, beijando-o sem parar:

— Que bom maridinho tenho eu! Como gosta de mim!

A bajulação esconde os crimes e é ainda o maior segredo da felicidade.

OLIVEIRA E SOUSA



Com o uso do **Biotonico Fontoura**

observa-se o seguinte :

- 1.—Sensível augmento de peso.
- 2.—Levantamento geral das forças.
- 3.—Desapparecimento do nervosismo.
- 4.—Augmento dos globulos sanguineos.
- 5.—Eliminação da depressão nervosa.
- 6.—Fortalecimento do organismo.
- 7.—Maior resistencia para o trabalho physico.
- 8.—Melhor disposição para o trabalho mental.
- 9.—Agradavel sensação de bem estar.
- 10.—Rápido restabelecimento nas convalescenças.

App. pela D. N. S. P., em 27-4-1918, sob o N. 175

Parece que tu tens isca
Amor, neste teu agrado,
Quando eu penso que estou livre
E' ahí que estou fígado.

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchit-s, prostatites, etc.), **Leucorrhéa** (flores brancas), **Meirites**: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)
Telephone Norte 5184

Das 2 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 :: Tel. 6181 Central

Uma esmolinha, chorando,
Te pediu meu coração...
Nem ao menos lhe disseste:
—Deus te ajude, meu irmão!

Sereno da madrugada
Cahiú no talo da couve.
Quem me dera que eu cahisse
Nos braços de quem me ouve!

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.
UNICA por cujos premios responde o Thesouro.
UNICA extraída á vista do publico nesta Capital.
CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.
PREDIO proprio, á Rua 1.ª de Março, 110, com frente para á Rua Visconde de Ilhabela, 67. Extracções diárias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.
Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.



Plantei um pó de roseira,
Nasceu um de maravilha.
Estou falando com a mãe
Mas com sentido na filha.



**BLÉNORRAGIA, CYSTITE,
CATHARRO DA BEXIGA**

Tratamento rapido e completo com a

*Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e
Licor de Alcatrão Composto de*

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49

E's uma roseira fina,
Bem enflorada a meu gosto,
Os botões estão no seio,
A rosa aberta é teu rosto.

Numeros atrazados da A MAÇA
encontram-se a venda na **LIVRARIA BRAZ LAURIA**
R. Gonçalves Dias, 78

Quando eu vim para esta terra
Trouxe uma estrella por guia,
Porque soube que aqui estava
A prenda que eu mais queria.



Cidadãos norte-americanos em uma partida de Base Boll. commemorativa da independencia da sua patria.



Recepção da Embaixada Americana, commemorando a Independence, Day.



○ sr. Conde de Affonso Celso, empossado no cargo de Reitor da Universidade do Rio de Janeiro.



A VINGANÇA DO COMMENDADOR Página de ROMÃO ROMÉRO

Contam os entendidos na materia, que não ha individuo mais estúpido do que um marido injustificadamente ciumento. O esposo que desconfia a todo instante da mulher, acompanhando de cara fechada os menores gestos dos amigos, perde geralmente a serenidade á menor suspeita, confundindo, ás vezes, a imaginação com a realidade. E, no entanto, o que se tornaria proveitoso para um marido honesto seria, exactamente, a calma, a visão segura das coisas, para não commetter injustiças nem incorrer, depois, em arrependimentos sem remedio.

Não é desse numero, por uma excepção digna de registro, o commendador Polydoro de Carvalho Coelho, esposo de uma das dentaduras mais bonitas do Rio de Janeiro, e de um dos collos mais alvos e esculpturaes que já sahiram das eternas marmorarias do céu.

D. Enedina, proprietaria desse collo e dessa dentadura, estava uma destas noites no salão de jantar dos Rocha Siqueira conversando com o Dr. Olivio Moreira, quando o marido se approximou. A' sua chegada, a palestra, que soffrera uma pequena trepidação, continuou, como o desde o inicio, mundana e frivola. E as pa'avras que elle ouviu foram, ainda, estas:

— V. Ex. veste-se admiravelmente. O seu vestido de hoje é um encanto. Desde que cheguei estou a admirar-o e com franqueza, não me farto de olhar!



O commendador interrompeu a conversa, com habilidade, e despediu-se com a esposa. Nada, nelle, demonstrava contrariedade, suspeita, aborrecimento. No dia seguinte, porém, batiam á porta do Dr. Olivio Moreira. A esposa deste correu a abrir. Era um carregador com uma caixa, acompanhada de um cartão, em que se lia:

Ao Dr. Olivio Moreira,

POLYDORO C. COELHO

cumprimenta, e pede licença para offerecer-lhe o vestido que tanto lhe attrahia, hontem, os olhos para o corpo de sua esposa.

Quando o Dr. Olivio chegou, ao meio-dia, á repartição, ainda trazia atraz da orelha avermelhada uns fiapos de seda da côr exactamente do vestido de Mme. Polydoro Coelho.

ROMÃO ROMÉRO



Filmando.

Chronica

O Circo Serrasani chegou, viu e venceu. Toda a immensa multidão de espectadores, que se distribuia pelos cinemas e theatros da cidade, desviou-se para os terrenos da Exposição na ancia de divertir-se com outra coisa que não fossem films ou peças theatraes.

Resultou dahi uma diminuição sensivel na concorrência normal dos cinemas da Avenida, e consequente decrescimo de lucros.

E' facil conceber a indignação, a furia, o odio de que se acham possuidos os prejudicados. Não é de admirar, tambem, que appareçam artigos e boletins, e se façam campanhas contra o feliz proprietario e intelligente empresario do monstruoso circo.

Era natural, entretanto, que a população quizesse variar. Cinema e theatro, theatro e cinema, todos os dias, invariavelmente, fatalmente exigem descanso. Fatigados dos films de carreira, mediocres, de argumentos batidos, ordinarios, que despertam reminiscencias de cousas já vistas; cançados dos theatros de revistas de chalaças grosseiras e linguagem suja, com assumptos sordidos e artistas dignos das peças; aborrecidos das comedias raro interessantes, quasi sempre tolas; nada mais justificavel do que essa debandada em massa no momento em que aqui se installa um circo como o Sarrasani.

Não desesperem, porém, os proprietarios dos cinemas cariocas. O director do Circo sabe perfeitamente que tudo cança, e não se demorará muito no Rio, como não se tem demorado em outros logares. Logo que presinta o publico farto dos seus bichos e dos seus palhaços, levantará acampamento, em busca de outras plagas.

E então o publico, á falta de outra coisa melhor, não tendo senão o cinema, voltará resignado a encher as salas de exhibição com as suas pessoas e os bolsos dos felizardos com o seu dinheiro. Mas estes, cá o dizemos sem rodeios, precisam de uma vingança. Vinguem-se, pois, aumentando os preços das entradas mais uma vez; tripliquem-n'as, e verão como o prejuizo se transforma em lucro...

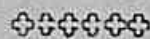
M.

Sydney Chaplin e Alice Calhoun vão interpretar os principaes papeis do film «The Man ou The Box», da Warner Brothers.



Entre as produções que a Fox annuncia figuram: «The Heaven», dirigida por Emmett Flynn; «Marriage», feita sob a direcção de John Griffiths Wray; «Light Nin't»,

dirigida por John Ford; Harry Millard dirigirá «The Fool»; John Ford, além da mencionada, fará «Thank You», «The Fighting» etc.; «Thunder Mountain» será dirigido por Victor Schertzinger, e Emmett Flynn dirigirá «Pat-Tine Marriage»; John Golden dará «The First Year»; Rowland Lee dirigirá Pauline Starke em «As No Man Has Loved». «The Silver Treasure» será uma das produções de Emmett Flynn.



As duas filhas do velho Maurice Costello foram contractadas pela Warner Brothers para o seu elenco; veremos dentro em pouco se se tornam queridas como foi aquelle. Chamam-se Dolores e Helena.



«Wild Horse», da Paramount, vai ser dirigido por George B. Leitz, antigo director da Pathé New York.

«Dirty Face» é o titulo do segundo film que Jackie Coogan vai fazer para a Metro-Goldwyn. O primeiro chama-se «Old Clothes», e o argumento é tirado de uma historia de Willard Mack.

Entre os 24 films que a Associated Exhibitors annuncia para o novo anno cinematographico, a iniciar-se em Agosto proximo, figuram produções de Glenn Hunter, Lionel Barrymore, Estelle Taylor, Henry Walthall, Hope Hampton, Jack Dempsey, Mae Bush, Eileen Percy, Harry Morey, Bert Lytell, Tom e Owen Moore, e Loise Glaum.

Pauline Frederick pretende, igualmente, filmar «The Lady», da obra de igual nome do escriptor Yankee Martin Brown.

Edmund Lowe, Alma Rubens e Jacqueline Logan são os principaes artistas que figuram no film «The Johnstons Flood» da Fox.

St. Clair está dirigindo Adolphe Menjou no film «Are Parents People».

Jack Pickford, Glenn Hunter, House Peters, Virginia Valli, Cullen Landis, Jack Hoxie, Hoot Gibson, Pat O'Malley, Laura La Plante e Mary Philbin são os principaes artistas que figuram nas produções que a Universal annuncia para o proximo anno cinematographico.

Mary Astor é a «leading-woman» de Douglas Fairbanks no film «Don Q». Fazem parte do elenco, além desses os artistas seguintes: Albert Mac Quarrie, Warner Oland, Charles Stevens, Lottie Pickford e outros.

A First National vai começar a distribuir as produções de C. C. Burr, isto é, aquellas em que figura Johnny Hines.

«Snorobound» é o titulo escolhido para o proximo film que House Peters vai fazer para a Universal.

Os principaes artistas do film «Two Can Play», da Associated Exhibitors, são Clara Bow e Allan Forrest.

Um dos proximos films interpretados por Tom Mix intitula-se «The Best Bad Man».

Pauline Frederick, Charles Coleman, June Elvidge e outros artistas estão na Australia fazendo uma serie de films.

DR. PAPAFITA



ELIXIR DE NOGUEIRA
DO PHARMACEUT LOGIC-MED.

JOÃO DA SILVA SILVEIRA
PREPARADO QUE VALOR
É RECONHECIDO QUANDO
EMPREGADO CONTRA A
SYPHILIS
E SUAS TERRÍVEIS CON-
SEQUÊNCIAS

MILHARES DE ATTESTADOS MEDICOS!
GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

«Spring Cleaning» é o titulo de uma das produções de Pauline Frederick, argumento de Frederick Lonsdale.



Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Cólon, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas



ORGULHO PELO ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Aquelle casamento dictado pelo interesse, e em que o amor se recusára terminantemente a intervir, havia feito a desgraça de duas vidas, merecedoras, talvez, uma e outra, de melhor destino. Victimas da conveniencia de duas familias envenenadas pelo orgulho, pela vaidade de não fundirem o seu sangue dourado ao de gente menos beijada pela fortuna, aquelle rapaz e aquella moça acabaram, como era fatal, odiando-se mutuamente.

Elles proprios haviam combinado, após o casamento, uma indiferença reciproca:

— O mais que eu lhe posso prometter — disse o rapaz á esposa, mal se despediram os convidados, — é uma simples amizade de irmão.

— Eu, por minha parte, nem isso lhe concedo! — retrucou a moça, arrogante, dando-lhe as costas.

E retiraram-se, cada um para os seus aposentos, iniciando uma vida á parte, com absoluta independencia, e encontrando-se apenas casualmente na travessia dos corredores.

Orgulhoso até á selvageria, o barão de Santa Lucia não concordava, absolutamente, com aquelle capricho da filha. E rosnava, paralytico das pernas, manejando na sua cadeira de rodas a bengala de ebano com que castigava os criados:

— Ella ha de dormir o seu somno ao lado do marido. A minha vontade ha de ser obedecida, ou eu me não chamo Gastão Fernando de Menezes, barão de Santa Lucia!

E inchava as bochechas, bofando, num accesso de raiva.

Voluntariosa como o pae, D. Mercedes, por seu lado, não transigia. Odiava o homem que a acceitára em taes condições, e era esse odio que a torturava, que a emmagrecia, que a matava, confirmando, nella, aquelle pensamento de Shakespeare, que compára o odio

á chamma da vela, a qual consome, devora, destróe, o corpo de que se alimenta. Maldizendo a fraqueza que o jungira áquelle carro de ouro, o Dr. Aderaldo não era, da sua parte, menos infeliz. E de tal modo que, ao fim de dois annos, abandonava o mundo, com o auxilio, apenas, de uma bala de revolver, sendo o seu enterro seguido, cinco mezes depois, pelo da esposa, victimada por uma tuberculose irremediavel.

Att'ngido por tantos golpes, o fidalgo era como um jequitibá invencivel, batido pela tormenta. Quieto na sua cadeira, não teve uma palavra de dór, um gesto de revolta, uma lagrima de soffrimento, quando lhe deram a noticia do suicidio do genro. E foi com a mesma impassibilidade, sem uma lagrima, sem um estremecimento nas barbas alvas e longas que recebeu a do fallecimento da filha.

Passados dois mezes, o barão chamou o seu secretario, e indagou, severo:

— O Dr. Aderaldo foi sepultado no mausoléo da minha familia?

— Sim, senhor, Sr. barão, informou o secretario.

— E minha filha, tambem?

— Tambem, sim, senhor.

Dias depois, era inaugurada, no mausoléo dos barões de Santa Lucia, uma placa externa, com estes dizeres:

AQUI DORMEM, JUNTOS,
O ULTIMO SOMNO,

O DR. ADERALDO DA FONSECA
E SUA ESPOSA
D. MERCEDES MENEZES
DA FONSECA

Havia se cumprido, como elle desejára no seu orgulho, a vontade do barão!



ALMIRANTE JUSTINO RIBAS



AO 1.º BARATEIRO

RENOVA DIARIAMENTE AS
SUAS EXPOSIÇÕES DE

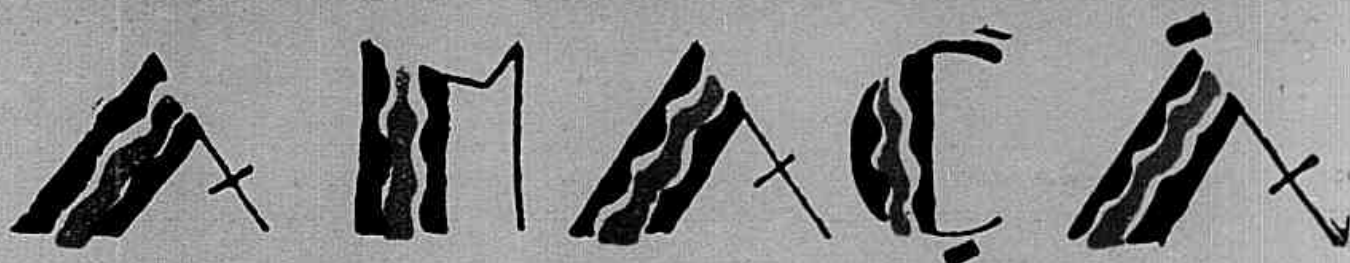
MODELOS

Se V. Exc. deseja acompanhar a moda

DEVE VISITAR DIARIAMENTE
AS EXPOSIÇÕES DO

AO 1.º BARATEIRO

Av. Rio Branco, 100



10 11 12 13 14 15 16 17

CONSELHEIRO XX

N. 178 ANNO. IV

Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1935

PEROLA JAPONESA

— Nunca te mistures com pessoas que não conheces, minha filha, — dizia constantemente o desembargador Botelho Ayres, apertando de encontro ao peito o unico rebento que a mulher lhe deixára.

E passando-lhe a mão pelos cabellos sedosos, negros, partidos ao meio, num penteado honesto de moça despresticiosa:

— As apparencias enganam, minha filha. E é preciso que te acauteles para não seres enganada!

A boquinha, muito vermelha, entreaberta, a mostrar os lindos dentes pequeninos, a menina protestou:

— Mas, papae, essa gente com que eu me dou é conhecida toda nas casas mais sérias. Se todas as minhas amigas não fossem dignas, ellas não teriam relações com as familias que m'as apresentaram. Tu não achas?

— Eu sei, minha filha; eu sei. Mas essas familias podem se illudir a si mesmas. Por isso, desconfia sempre. Só depois de grande observação é que se pode conhecer o caracter de uma pessoa.

Uma semana depois o desembargador Botelho Ayres entrou em casa radiante:

— Maria Alice! — chamou.

A filha appareceu, risonha e pura.

— Aqui tens, minha filha, — começou o velho, sentando-a nos joelhos; — aqui tens uma perola para accrescentar ao teu collar!

— Oh, papae! que lindo! — exclamou a menina, atirando-se ao pescoço do ancião. — E' igualzinha ás outras... Não é?

— E' absolutamente igual, — confirmou o pae. — E' perfeitamente igual!

Enfiada no collar, a nova perola de Maria Alice nada ficava a dever ás outras, em brilho, em peso, em tamanho. Misturada com as que já existiam, ninguém sabia, mesmo, qual tinha sido a mais recente. E ninguém falava mais nesse presente, quando o desembargador chamou a filha, indagando:

— Onde está aquella perola que eu te trouxe outro dia, filhinha? Vae buscá-la.

— Está no collar, papae, — informou a mocinha; — mas é difficil saber qual é, no meio das outras. Ellas são tão eguaes...

O velho sorriu, bondoso, e, sentando a filha no collo, começou, paternal:

— Pois, agora eu te vou dizer uma coisa: aquella perola é falsa!

— Falsa, papae? — exclamou a menina, dando um pulo, e encarando o ancião.

— Falsa, sim, minha filha. E' uma perola japoneza, isto é, uma perola artificial, obtida ás centenas, aos milhares, pelos japonezes, que fizeram disso uma industria. A imitação é, porém, tão perfeita, que só um joalheiro experiente poderá descobrir a differença.

E repondo a mocinha nos joelhos, passando-lhe a mão, de leve, pela cabecita pensativa:

— Como as perolas, minha filha, são as criaturas. Ha pessoas falsas e más, que dissimulam tão bem a maldade, que se misturam com as boas.

Beijou-a na testa e concluiu:

— E para conhecer as perolas humanas, Maria Alice, ha joalheiro que não se engana. E' o coração de um pae...

CONSELHEIRO X. X.

AS DUAS CONQUISTAS PAGINA DE PAULO SETUBAL

Paulo Setubal, o delicado poeta regionalista da «Alma Cabocla», acaba de publicar um romance: «A Marquessa de Santos». Trabalho de fôlego, em que a imaginação corre sobre o traçado da História, o livro do fino escriptor paulista constituiu o successo literario de S. Paulo e do Rio, nestes ultimos mezes. E é dessa obra que extrahimos o capitulo que abaixo se lê, em que o autor descreve o primeiro contacto entre Pedro I e a futura marquessa de Santos, na «Opera», de S. Paulo.

Soaram nesse momento as tres pancadas do estylo. Ia subir o panno. A Companhia Zachelli, nessa noite, representava o «Convidado de Pedra». D. Pedro, que já conhecia a peça, ponde então, com demorados vagares, bem á vontade, contemplar a sua vizinha de camarote... Que linda que estava! A enladrada filha de João de Castro, de tanta fama na cidade, já não era mais aquella boneca de dezeseis annos, menina e moça, botão de roza prestes a romper. Era a mulher feita, mulher desabrochada, mulher — mulher, em pleno verão de sua formosura, em plena inflorescência de suas graças! E alli, na Opera, com os seus cabellos trevosos, onde fulgia uma faiscante borboleta de pedras; com o seu collo rosado de morena, em cuja pelle quente ardia um enorme solitario; com os seus braços soberbos, onde serpenteavam agolas e braceletes; com o seu atrevido chapéo de pluma negra; com o seu corpete de seda escura, muito justo; com sua elegante saia de balão, farfalhosa e tufada, D. Domitila de Castro, flor dos tropicos, magnifica e estonteadora, deslumbrava entre as galas daquella apothéose! D. Pedro, em cujas veias corria o sangue erotico dos Braganças, cravava, de momento em momento, uns olhos devoradores naquella poema de carne. Que mulher fatal! A volupia daquellas linhas, a quenteira daquelles olhos, o arfar daquelles seios, o vermelho sangrento daquelles labios, tudo nella tinha uma atracção de abysmo...

No ultimo, aproveitando um instante em que D. Domitila ficara só no camarim, o Chalaça, a um gesto imperceptivel de D. Pedro, aproximou-se della...

E então, muito discretamente, com um ar confidencial, conversaram ambos aos cochichos. D. Domitila, no começo, ria-se muito. Depois corou... Corou extremamente. Mas sempre, nos seus olhos, enquanto ouvia o Secretario Privado, havia um extranho clarão de jubilo!

Nisto, cortando bruscamente aquelles cochichos, soaram as pancadas para o ultimo acto. O Chalaça ergueu-se de prompto. E ao despedir-se, todo risonho, perguntou baixinho:

— Combinado?

E como D. Domitila, muito corada, fizesse um gesto affirmativo, o Chalaça, com um sorrisozinho

malevollo, poz significativamente o dedo nos labios:

— Bico!

Terminara o espectáculo... D. Pedro, debaixo de aclamações ululantes, desceu as escadas da Opera. A guarda de Honra, perfilada, apresentou armas. E no Largo do Collegio, quando Sua Alteza assomou diante daquella turba que formigava, estorrou novamente de todo o lado, a mesma gritaria ensurdecadora:

— Viva D. Pedro!

— Viva D. Pedro!

— Viva D. Pedro!

E o Principe, ebrio de tanta gloria, por entre aquelles estrepitos, os ultimos de noite tão fragorosa, atravessou o Largo e recolheu-se enfim ao Paço...

D. Domitila, por seu turno, torceu para casa. Mandou recolher a liteira. Despedio os escravos. Entrou...

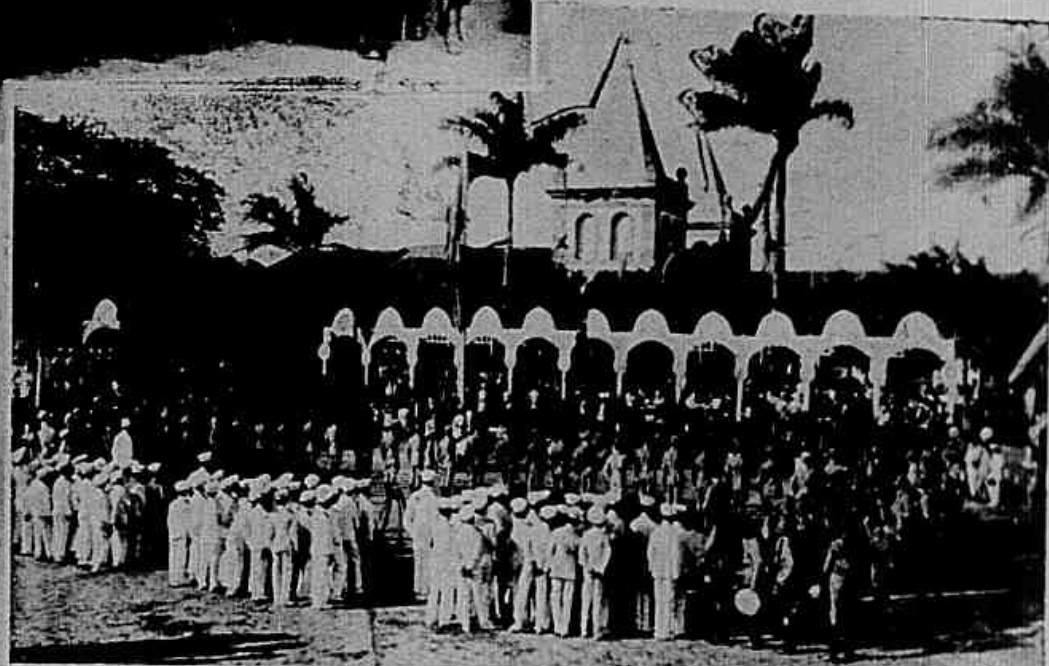
Mas a filha de João de Castro, por uma extranha determinação, não fechou a porta naquella noite: empurrou-a devagarinho, encostou-a de leve, sem dar a volta á fechadura. No seu quarto, toda nervosa, arremessando sobre o canapé a larga saia de balão, livrando-se das joias, do chapéo de plumas, das tafularias de gala, vestiu o seu maravilhoso roupão de seda, chegado do Reino, todo ennevoadado de rendas e enlaçarotado de fitas. E diante do toucador, alvoroçada e arfante, desmanchou os seus cabellos negrissimos, repartiu-os ao meio, fez duas soberbas tranças. Enfim, depois de borrifarse escandalosamente de agua de cheiro, estendeu-se, com um ar languido, cheio de abandono, entre os linhos e os almofadões da sua bella cama de entalhe. E alli deixou-se ficar inquieta, oppressa, tremula, com uma grande e torturada angustia a lhe bailar nos olhos...

E os minutos começaram a escoar lentos, lentos... Grande silencio em tudo. Um silencio tumular, absoluto. E a filha de João de Castro, numa agitação, cada vez mais inquieta, mais tremula, mais oppressa! Mas de subito, na calçada, echoaram uns passos leves, abafados. Alguem empurra a porta. Sobe a escada. Agarra na maçaneta. D. Domitila, sacudida por um violento fremito, já de pé, em meio do quarto, vê dante de si, como num sonho, um vulto mysterioso, alto, com um largo sombrero, envolto numa immensa capa hespanhola, negra como a noite... E quando o vulto, arrancando do sombrero, faz cahir dos hombros a negra capa hespanhola, D. Pedro I, com o seu regio uniforme de gala, com o peito a faiscar de gran-cruzes, apparece, a sorrir, heroico e bello, d'ante da atordoada e deslumbrada Domitila de Castro:

— Vossa magestade! Pois Vossa Magestade veiu mesmo?

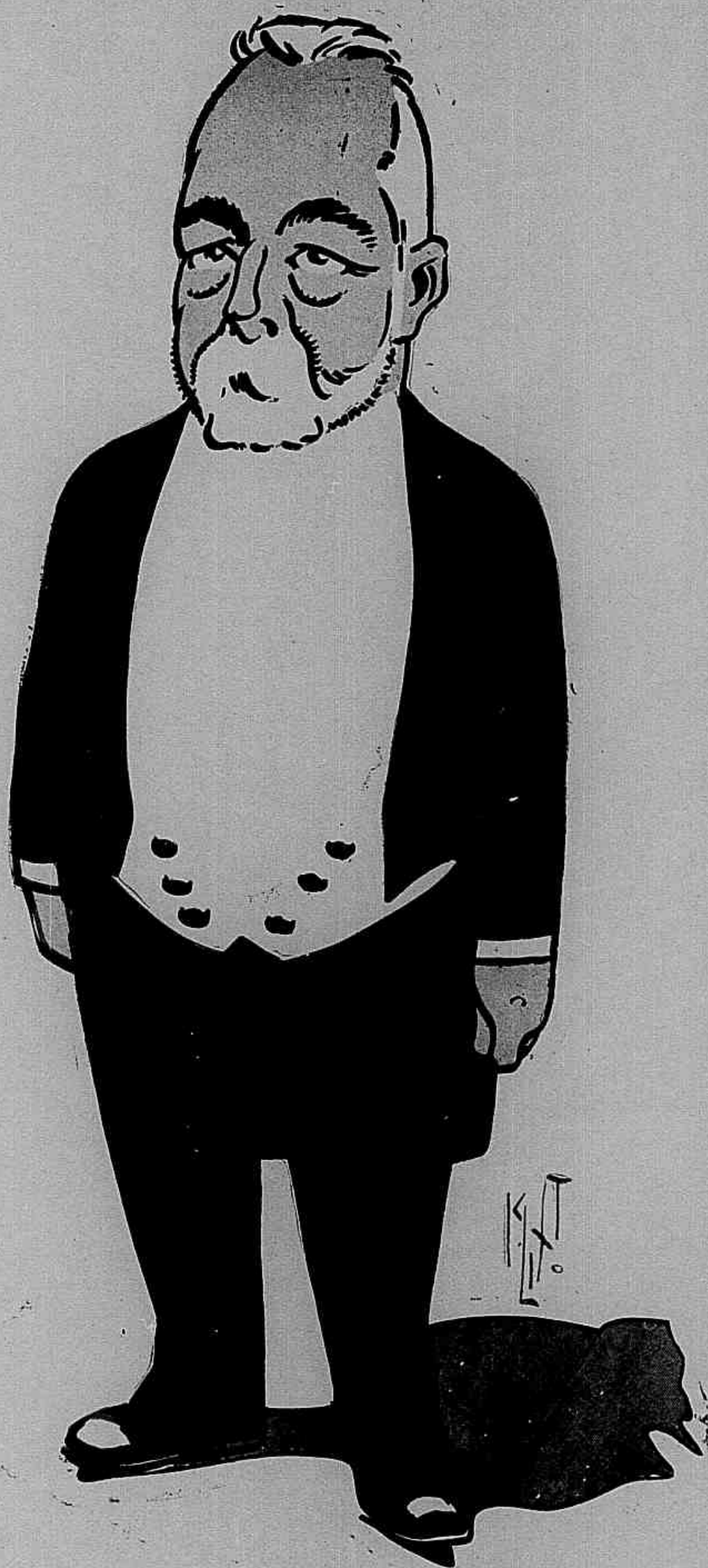
E D. Pedro, tomando as mãos daquella mulher magnifica, e collando-lhe á bocca um longo, um devorante, um soffrego beijo, exclamou num derrico:

— Vim... Quiz fazer, num só dia, duas grandes coisas: a independencia do Brasil e a escravidão de minh'alma...



1 e 2 — Festa no Mosteiro de São Bento, em homenagem ao abbade D. Pedro. 3 — Chá dansante em benefício do Jesus Hospital, no Hotel Gloria. 4 — Chá dansante em benefício da sopa da creança pobre. 5 — Visita ao tumulo de Floriano Peixoto. 6 — Festa dos pescadores em Copacabana.

FIGURAS NACIONAIS



BUENA BRANDÃO

FIGURAS NACIONAES

BUENO BRANDÃO

Antes de 1888 e da Republica, Ouro-Fino era, no sul de Minas, uma villa insignificante e sem futuro economico. A sua actividade manifestava-se, toda, na politica estreita, retrograda, provinciana. A proximidade da Serra do Caracol, que lhe fica a algumas dezenas de kilometros, dava, mesmo, ensejo a pilherias ironicas, da gente de Pouso Alegre e da Campanha.

— Qual! aquillo marcha como lesma! — diziam.

E logo:

— Mas, tambem, que podia fazer uma localidade agarrada a um «caracol»?

Não obstante isso, já appareciam ali os espiritos emancipados e innovadores. E, entre elles, estava o de um rapaz dos seus vinte e poucos annos, empregado no commercio local e republicano de oitiva, o qual se mostrava intimamente revoltado com a pasmaceira da terra e do povo.

— Nós precisamos sair d'este sepulchro! — dizia elle.

— Vamos iniciar uma vida nova, com alegria, com festas, com movimentos de coragem! Acabemos com isto, fle uma vez!

Sadio, franco, jovial, este moço, que era Bueno Brandão, resolveu dar, elle proprio, o exemplo de vida nova; e abandonando a casa em que servia, estabeleceu-se por conta propria, aventurando-se em negocios de certo vulto. Feito isto, declarou:

— Agora, vamos ao principal: vamos formar uma banda de musical!

— Uma banda de musica? — fizeram, scandalizados, o juiz municipal e o vigario. — Você está doído, homem?..

Ouro Fino não possuia, realmente, uma banda de musica. Por occasião das festas da igreja ou dos triumphos politicos, era preciso mandar buscar uma «banda» em Pouso Alegre e, ás vezes, em Mogy-Mirim. E era a essa dependencia, a essa vassallagem sonora que Bueno Brandão queria eximir a sua terra, onde o apparecimento de um simples saxophone era motivo, quasi, para estabelecimento de um feriado.

Ao fim de dois ou tres mezes chegava, effectivamente, do Rio de Janeiro, o primeiro instrumental para a banda. Um «mestre» acompanhava os instrumentos. E, em breve, installava-se em Ouro-Fino a primeira Philharmonica, da qual faziam parte, como apprendizes entusjastas, todas as pessoas de responsabilidade na vida local. Para dar o exemplo, Bueno Brandão inscreveu-se como aprendiz de flauta. O chefe do partido conservador pediu para si o flautim, o do liberal o trombone, o sacristão ficou com o bombo, o juiz com a clarineta, e o vigario, o proprio vigario, pediu os pratos, por mais compatíveis com a sua fidade e o seu appetite. E, no dia 1.º de janeiro de 1889, estalou em Ouro-Fino, em plena rua, o primeiro «dobrado» da «Lyra Ourofinense»!

A vantagem da philharmonica não foi, entretanto, apenas, a resurreição da alegria na alma da população local: reunidos para as lições nocturnas, os chefes dos partidos discordantes acabaram entrando em accordo, ou melhor, em «harmonia». E como essa «harmonia» fosse devida ao fundador da «banda», ficou decidido entre o flautim e o trombone que o chefe local fosse, d'ahi em diante, Bueno Brandão, o qual passou a ser, a partir d'esse momento, o chefe supremo, e unico, do eleitorado de Ouro-Fino.

A 18 de novembro chegou á pequena cidade mineira a noticia da proclamação do novo regimen. Bueno Brandão, unico republicano local, pulou para o meio da rua, com a banda. Foguetes estalaram, alto. Estrugiu o primeiro grito:

— Viva a Republica!..

— Vivóóó!.. — respondeu a massa popular.

— Toca a musica! — ordenou Bueno.

A atrapalhação esava, porém, ali. Devia-se tocar, no caso, o Hymno do Imperio? Não. Bueno Brandão teve uma idea:

— Toca... o «Zé Pereira»!

E o «Zé Pereira» reboou.

Chefe incontestavel do municipio, o futuro «leader» da Camara Federal foi, logo, eleito para a Assembléa estadual. As necessidades da politica haviam-n'o, já, feito trocar o commercio pela profissão de advogado. Munido de uma provisão do Tribunal de Justiça, a sua banca de rabula era a mais rendosa da região. Intelligente, habil, com uma serenidade espantosa, era com a maior facilidade que embulhava, no Jury, bachareis a promotores. Sem surtos oratorios, possuia, contudo, o merito de ladear as questões, fugindo ao golpe do adversario para cabir-lhe de subito sobre a cabeça, apanhando-o nas malhas da sua rede de sophismas como quem apanha borboletas num sacco.

Na Assembléa, essas suas qualidades foram, logo, postas em evidencia. E tanto assim que, dentro em breve, passava para o Senado estadual, onde o P. R. M. o foi buscar para vice presidente, na chapa encabeçada pelo nome de João Pinheiro. Já nesse tempo, entretanto, havia elle modificado Ouro-Fino, modernizando-a em todos os seus aspectos, e dando-lhe character, que hoje tem, de cidade risonha e progressista.

A morte de João Pinheiro levou Bueno Brandão á presidencia do Estado. A herança era pesada e grave. João Pinheiro era o maior esadista de Minas. O antigo rabula de Ouro-Fino tomou, porém, as redas do carro, e com tal intelligencia, que não alterou, em nada, o programma do seu antecessor.

Terminado o seu mandato, foi eleito para a Camara Federal. E, em certo momento, escolhido «leader».

— Um rabula dirigindo uma casa de Juristas!.. gritava os despeitados.

— Um tocador de requinta! — berrava a imprensa.

Bueno Brandão, por essa altura, protestou:

— Requinta, não; flauta! Eu tocava flauta!

Rá, elle proprio, e accentuava:

— E, por signal, que, com muita competencia!

A sua passagem pela Camara foi, contudo, o primeiro jacto de agua fria na fervura das prevenções. Não é a carta que faz o bachelarel. E o rabula de Ouro-Fino mostrou, por mais de uma vez, que era mais doutor do que muitos, formado, embulhando muita gente bôa em materia — que na supposição d'esta, só se apprende nas Faculdades. Como pastor de agrupamento politico, então, ninguém o superou, na Camara. Amavel, geitoso, paternal, sabia accommodar os interesses e as paixões, ao mesmo tempo que servia o governo, dando-lhe as votações que este queria.

No Senado, a sua função é, ainda, a mesma da Camara. Incumbido de defender o chefe da nação, tem se desempenhado d'essa missão com o garbo de um parlamentar consummado, e com a firmeza de um amigo. Não ha golpes que não apare, e, mesmo, que não revide.

Bueno Brandão é, enfim, uma figura que vem de longe nos caminhos da politica nacional, e que, ao chegar ao cimo do monte, mostra as pernas com que subiu, e o cajado em que se apoiou.

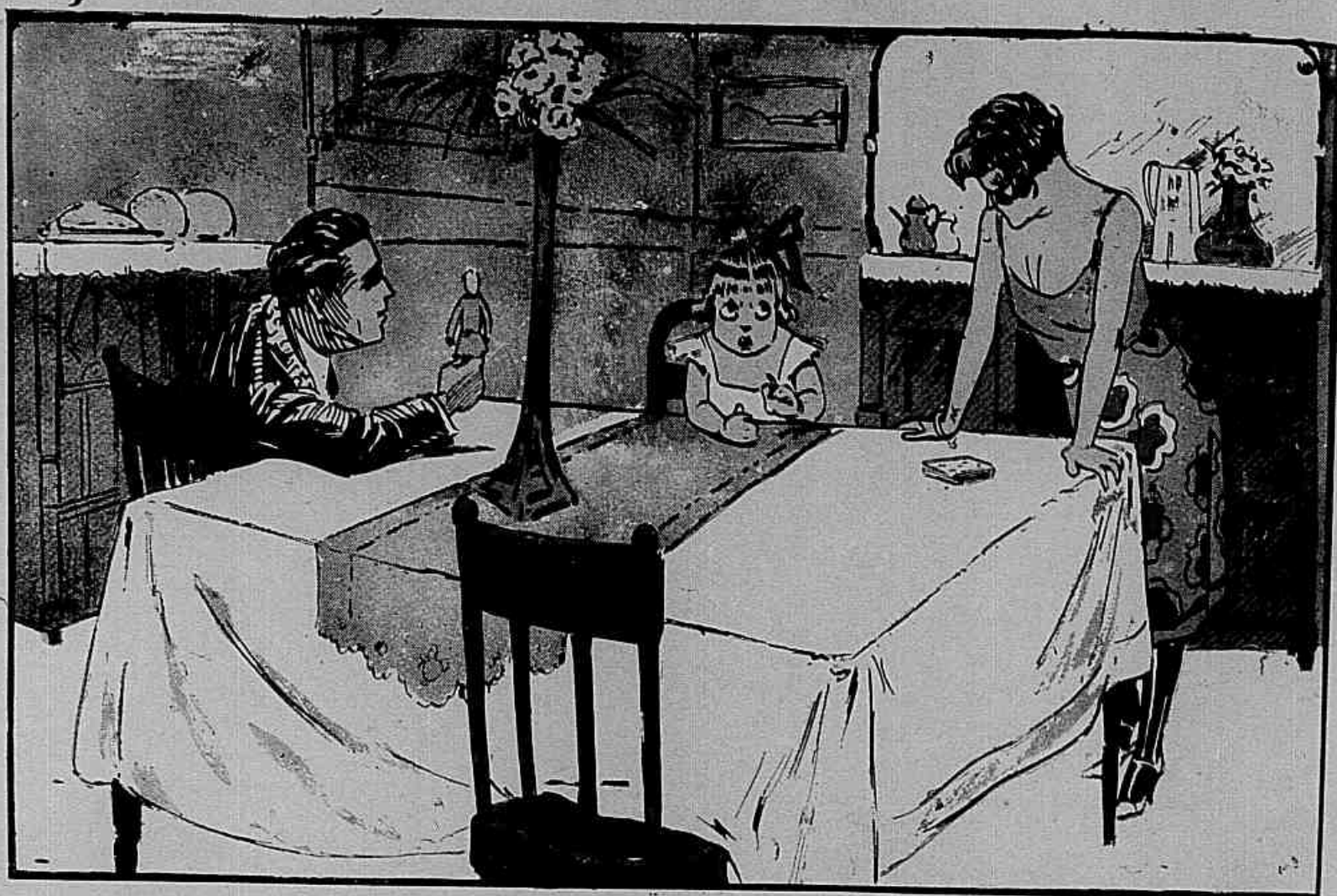
— Nasci para pastor... — diz elle.

E, rindo, com bonhomia:

— A minha flauta já não seria um symbolo?



SENTINELLA



O GURY: — Mamãe disse que eu não sahisse daqui para você não jogar com seu Juca com uma mão só...

MODOS DE JOGAR POR **LUIZ DINIZ**

Não havia meios — e aquelle emerito pēbolista andava como tonto. Não comprehendia como, sendo elle um dos mais irresistíveis conquistadores da sociedade, aquelle bocado lhe escapasse.

Os amigos entretanto comprehendiam perfeitamente — aquillo devia ser paixão, paixão louca, dessas que nos tomam completamente, que nos modificam cerce os sentimentos. Sua tactica fora sempre a da impetuosidade afoita, e agora, quando mais precisos eram taes meios, recolhia-se em timidez quando se apresentava ante Ella.

Era paixão, impossivel expicar d'outro modo.

E cada vez que elle aparecia nos campos a jogar, lá estava Ella, ansiando pela victoria do club d'Elle. Isso enervava-o, e a derrota era certa.

Comprehendia-se aquillo? Já devia ser sua a ha muito tempo.

Estava execrando, abominavel — tudo lhe aborrecia, até as proprias mulheres que dantes amara.

Certo dia, porém, venceu. O que faltava era animo, coragem, que inexplicavelmente lhe falleciam.

O cinema estava cheio.

No meio daquella seara de cabeças de elegantes elle discerniu a da morena sensual de seus sonhos.

Aproximou-se tremulo, o coração em tachycardia. O



sorte... a seu lado uma antiga amiga, de saudosas relações, e (o maior sorte!) uma cadeira vazia junto a ellas.

Recobrou o animo das dãojuanescas eras e, cumprimentando-as, sentou-se no lugar vago.

Passam-se dez minutos. Conversa-se trivialmente.

A joven senhorita que separa os dois indecisos apaixonados começa a admirar-se fundamente: o rapaz só fala com ella, embora os olhares sejam para a outra; entretanto suas pernas... nada. Si nunca succedera aquillo?

De assumpto em assumpto veem os sports á balha.

O rapaz, todo em sorrisos, dirige-se á apaixonada e pergunta a sua opinião sobre o jogo da bola.

Ella responde promptamente:

— Aprecio, sim, muito, mas quando é praticado com impeto, decididamente. Não gosto do jogo de passes nem de tabella. Prefiro os shoots directos.

Elle retrucou presto:

— Perfeitamente, senhorita, tambem uso dos shoots directos, porém, quando o arco está aberto.

Com a certeza de que o guardião ha muito se reuñrá de campo, contundido, os goals teem-se succedido...

L + U + I + Z + D + I + N + I + Z

O DIRECTOR POR JOHN WATZON

Quando aquella formosa senhora passou, com o seu chapéu pequenino graciosamente inclinado sobre os olhos, houve, na roda, um movimento de curiosidade.

— Quem é? — indagou, interessado, o Dr. Justino Pampolha.

Um medico illustre, notabilissimo nos círculos scientificos, forneceu informações immediatas e completas. Aquella dama era sua cliente, e um caso interessantissimo na sua clinica.

— E é casada? — perguntou alguém.

— Casadissima. O esposo é aquelle cavalheiro de preto, que vae ali, ao seu lado.

— Mas, parece pae della! — objectou um de nós.

O medico illustre sorriu, e explicou:

— Pois, é por isso mesmo, que ella anda nervosa!

E penalizado?

— E' um caso curiosissimo, realmente. Imaginem vocês, que esta senhora chegou a um estado de nervos tão delicado, que se tornou

sensível ás menores alterações atmosphericas. Nunca, na minha vida, sensibilidade assim. Se vae chover, tem crises nervosas de metter compaixão. Se o tempo está bom, põe-se a rir, alegre, jovial, num contentamento indizível. O seu systema nervoso constitue, pode-se dizer, um verdadeiro Observatorio Meteorologico, pelo qual a cidade se poderia orientar!

A dama a que o medico se referia havia parado, com o marido, em frente a uma vitrine. Bonánchão, o esposo olhava os objectos expostos, examinando-os. Enquanto isso, madame devorava com os olhos, por trás delle, um rapaz de «pince-nez», terno cinzento e chapéu de massa, que parára a pouca distancia, e que, pelo geito, vinha acompanhando o casal.

— E aquelle sujeito, quem é? — indagou, intrigado, o Dr. Pampolha.

O medico sorriu, significativamente.

E, perfido, em voz baixa:

— E' o director... do Observatorio!



JOHN WATZON

CREADAS SABIDAS



— É um rapaz a procura da patrãoa...

— Que disseste?

— Eu disse que o patrão ainda estava em casa...

Humoristas Hespanhoes

(Trad. d' A MAÇA)

O DEDO NA CHAGA POR R. DE SANTA-ANA

A bellissima condessa de Besamela andava ha muitos dias com um humor de todos os diabos. No seu palacio, todos se achavam consternados: desde o pacientissimo dono da casa, o conde de Besamela, até o ultimo serviçal da cosinha, soffriam, uns mais, outros menos, as impertinencias da senhora.

— Que raio de condessa!... — exclamava o mordomo, nas suas intimidades com a governante. — Como nos entrou este anno a primavera!...

— Mas, que terá a senhora, que ninguém a supporta? — perguntava a primeira dama de companhia ao copeiro.

— Menina, a condessa tem me importunado! — dizia o conde á sua amiga reservada. — Só falta pegar-me á unha!

— E por que não a pegas tu?

— Não sejas tola, Eponina!

— Não seria a primeira vez.

— Que queres dizer com isso?

— Que não seria a primeira vez que um conde a pegasse... Agora, a tua mulher é tão enjoada que, talvez, nem para isso sirva!

— Bom, bom; tranquiliza-me ouvindo... Tens uma lingua tão afiada...

— Queres? Toma!

E a amiguinha intima do Conde fazia apparecer entre os seus labios vermelhos e humidos uma linguasinha rubra e fina, que lhe approximava dos olhos, até cegalo...

A bella condessinha havia-se deixado ficar naquella dia na cama, derreada por uma terrivel enxaqueca. Ha muito tempo haviam, soado, já, as tres da tarde, em todos os relógios da vasta mansão senhorial. Falela, como a chamavam as suas amidades, tinha-se feito fazer, naquella manhã, uma trabalhosa «toilette». A creada de quarto já lhe havia sovado e resovado o avelludado da pelle de todo o seu corpo, com pequenas almofadas embebidas em perfumes penetrantes; a «manicure» já havia despestanado, pulido e esmaltado as unhas das suas mãos e dos seus pés; seu divino corpo fluctuava sob camisa finissima, combinação de tule de seda e enfeites delicados; os cabellos de ouro escapavam-se-lhe entre as pregas da touca, que coroava a cara mais linda que já usou, neste mundo, condessa alguma.

— Avisastel-o? — perguntou á creada.

— Avisei-o pessoalmente, m' nha senhora.

— Tinha muita gente no consultorio?

— Meio Madrid! Uma infinidade de senhoras e outra infinidade de moças.

— Bonitas? — indagou, alarmada, Falela.

— Muito lindas; embora nenhuma egualasse a senhora condessa. Mas, aquillo, parecia menos uma ante-sala de consultorio do que um salão em uma festa de caridade.

— Puzeste ahi no gabinete tudo que te recommendei?

— Sim, senhora. Ostras, lagostins, camarões, uma garrafa de champagne, outra de Xerez, guardanapos, fructas sortidas, dois copos grandes, e dois pequenos.

— Pois, agora, leva um grande e um pequeno.

— E' que eu suppunha que a senhora ia convidar alguém...

Recolheu a rapariga o que sobrava dos crystaes, e, ao sahir no corredor, foi detida pelo conde:

— Como está a senhora condessa?

— Peor do que nunca, senhor conde; acho que o sr. conde não deve entrar...

— Tens razão; não entrarei; mas perguntar-lhe-ei d'aqui mesmo, da porta.

Approximou-se dos aposentos de Falela, e, sem atrever-se, sequer, a metter a cara para dentro da porta, indagou:

— Como te encontras, filhinha?

— Raivosa, filho. Não entres, que estou em condições de te não poder receber.

— Queres alguma cousa? Vou ao Senado.

— Nada, filho; quero é que te divirtas.

— Adeus, Falela!

— Até amanhã, filhinho!

Cinco minutos não haviam decorrido após a sahida do conde, quando chegou ao palacio Emilio Falcón, o medico da moda. Joven, elegante, limpo, musculoso; seu aspecto, mais que de homem de sciencia, era de homem do mundo. Uma vez em presença de Falela, a creada, conhecedora do seu mister, sahiu, fechando atraz de si a porta, depois de fazer cahir o pesado reposteiro.

— Vamos a ver o que tem esse bellissimo corpo! — exclamou o doutor.

— Veja você mesmo! — sorriu a condessa, abandonando-se, dengosa, a todas as curiosidades da sciencia.

Quando o dr. Falcón sahiu da alcova de Falela, hora e meia depois, não levava mais a pose esbelta com que entrou. Em compensação, a condessa estava radiante.

— Este, sim, é um medico! — declarou á creada de quarto.

E confidencialmente:

— Como elle soube pôr o dedo na chaga!...

R. DE SANTA ANA

SHERLOCK CONTRA SHERLOCK por JOÃO JAIRÓ

Fundam-se no mundo, dia a dia, dezenas de escolas profissionais, destinadas a preparar o homem, e a mulher, para as grandes campanhas pela vida. O século não é mais do estudante theorico e da menina romantica, mas do engenheiro, da dactylographa, do industrial, emfim, das criaturas uteis e utilitarias. E é por isso, e para isso, que se multiplicam os institutos de ensino pratico, que são verdadeiras colmeias das futuras abelhas do trabalho.

Uma instituição que falta, entretanto, no rol desses estabelecimentos, é a escola das esposas, isto é, o instituto em que a moça, recém-casada ou solteira, se prepare para conhecer o noivo ou o marido. Habitudo a uma existencia de estroinices, ou, pelo menos, de absoluta liberdade, o rapaz brasileiro entra no lar, quando o organiza, inteiramente armado para enganar a moça a quem desposa. Ingenua e desprevenida, esta desconhece os ardis, as tramas, os recursos de que o perfido se póde prevalecer e dahi a impossibilidade, em que fica, de impedir as infidelidades do companheiro.

Foi para corrigir esse defeito de educação de que se resentem, em geral, as moças brasileiras, que a viuva Honorina Bastos creou a sua filha Teté, a qual devia ser, mais tarde, a esposa do conhecidissimo bohemio Feliciano Tobias, cuja argucia, em materia de estroinices, se tornára famosa em toda a cidade. Ligados para a vida matrimonial, era evidente, pois, que se ia travar, entre os dois, um verdadeiro combate de esperteza, em que a aranha procuraria apanhar a mosca e em que a mosca, esperta, buscava escapar ás armadilhas da aranha.

Os episodios que então se desenrolaram no casal, constituiram, se fossem catalogados, um verdadeiro manual da experiencia domestica. Era mestre contra mestre, entendido contra entendido, «sherlock» contra «sherlock», como se pode ver pelos dois casos que os iam, a ambos, comprometendo.

Certo dia, havia D. Teté sahido para a cidade, a fazer compras, quando, á tarde, ao regressar, foi interpellada pelo marido:

— Esther, onde estiveste?

— Fazendo compras, Feliciano.

— E' mentira! — bradou o rapaz, avançando para a mulher. — E' mentira!

E como a esposa arregalasse os olhos espantada:

— E' mentira! Tu estiveste em alguma casa, de onde saíste agora! E a prova aqui está.

E passando o dedo, pela face da moça:

— Este pó de arroz foi posto agora, com o rosto lavado. Tu lavaste o rosto e penteaste o cabello, ha meia hora, antes de vir para casa. Logo, estiveste em algum lugar, e não na rua, fazendo compras!

O modo por que D. Teté se desembaraçou dessa complicação, ninguém o soube; o certo é que, dias depois, tomava a sua «revanche».

Havia Feliciano Tobias sahido de manhã para a cidade, num dia de calor, quando, á noite, de regresso á casa, pediu o seu pyjama. D. Teté lh'o levou, e, ao examinar a roupa que o marido tirára, indagou, franzindo a testa:

— Onde passaste o dia, Feliciano?

— Eu? Por que? — estranhou o rapaz, alarmado.

E examinando, uma a uma, as peças de vestimenta interior:

EXPOSÇÃO DE ARTE



Isto é que é uma em espada!
E' pena não se poder mexer.

— Está suja? Está?

— Não; pelo contrario, — obtemperou D. Teté, com gravidade. — Eu acho é que está limpa de mais.

E olhando-o nos olhos:

— Esta roupa não passou vestida o dia inteiro, Feliciano. E a prova é que não está suja, nem suada.

E enquanto o desgraçado baixava a cabeça, capitulando:

— Ella esteve o dia inteiro fóra do teu corpo, estendida n'uma cadeira... Não foi?

Alcova dos Poetas

Vulcão de Amor

por E. G. de Castro Pinto

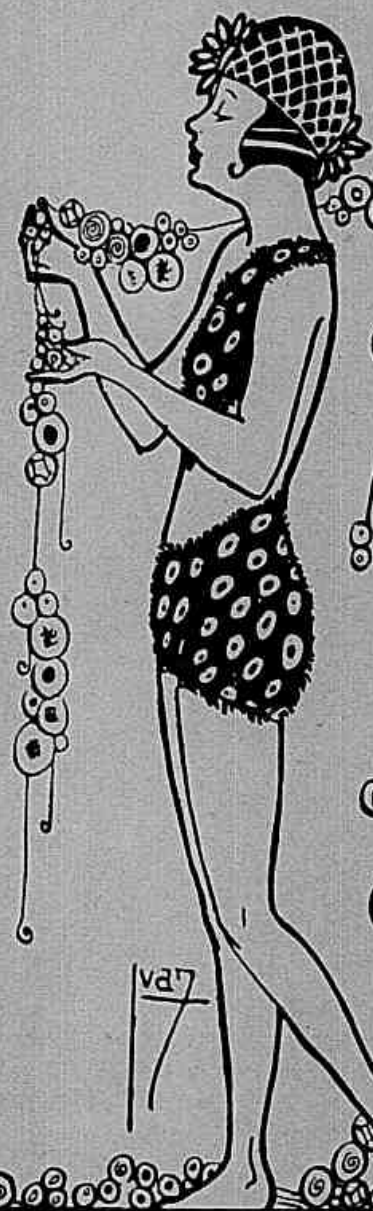
Pela raiz da serra dos teus seios
Meus rubros labios, tremulos, subiram;
A razão, foi devido aos teus meneios,
Aos teus encantos que me seduziram.

Palpitantes de amôr estavam cheios,
Não pude resistir, meus olhos viram,
Atravez, meu amor, dos teus enleios,
Uns mysterios quaesquer que nos uniram!

Fui culpado, bem sei, fui o culpado,
E não me eximo dessa culpa minha,
Pois sinto orgulho de já ter peccado...

Entretanto, se alguém sentir receios,
Ao ver da moça a mais formosa linha,
Nunca lhe toque nos vulcões dos seios!

E. G. de Castro Pinto



HUMORISTAS RUSSOS

A Língua Comprida por ANTON CHEJOV

Natalia Mikailovna, senhora muito guapa e muito jovem, acaba de chegar no trem de Jalta, onde vem de passar o verão; e enquanto come, fala sem cessar, contando os encantos daquela região. O marido, alegre, satisfeito do seu regresso, acompanha as irradiações da sua fisionomia com olhos enternecidos, e, de vez em quando, lhe dirige alguma pergunta.

— Dizem que a vida lá é muito cara... — observou-lhe, entre outras cousas.

— Cara? Como dizer-ta? Creio que não é tanto como se diz. Eu tinha, com Julia Petrovna, um apartamento bastante confortável, a vinte rublos por dia. Tudo depende de saber a gente governar-se. Naturalmente, se se faz uma excursão aos montes, por exemplo, ao Al-Patri... o cavallo... o guia... tudo isto fica bastante caro... caríssimo... Mas, filho, que montes aquelles! Imagina que são altíssimos... mil vezes mais altos que a igreja... Em cima, neve... nada mais senão neve... Em baixo, pedras... nada mais senão pedras... Ah, quanta recordação!

— A propósito, Durante a tua ausência, li não poucas atrocidades praticadas por aquelles guias... E' exacto que são muito perversos?

Natalia Mikailovna faz uma careta e move a cabeça negativamente.

— São tartaros, como todos os demais tartaros, — responde. — Além de tudo, eu não os vi senão de longe, uma ou duas vezes... Algumas pessoas m'os indicaram, mas eu não ligui importância... Senti sempre aversão a toda a classe de circassianos, gregos, mouros...

— Parece que são uns vilontras...

— Pode ser... Ha' algumas descaradas que...

Natalia Mikailovna pula da sua cadeira e, com os olhos dilatados, como se visse algo de terrível, diz ao marido, recalçando as frases:

— Vasitchka! Que mulheres levianas ha no mundo!... Que immoraes!... E não de baixa extracção ou de classe média, não; aristocratas, e do melhor mundo! Eu via, e não queria crer. Nunca me poderia esquecer! E' preciso não ter princípios para chegar a tal ponto... Nem me atrevo a contar-o... Tomemos para exemplo Julia Petrovna, minha companheira... Tem um marido tão sympathico, dois filhos, faz parte da melhor sociedade... Quer passar por uma santa e sabes o que fazia?... Não podes imaginar... Isto ficará, porém, entre nós... Dás-me a tua palavra de como não d'rás nada a ninguém?

— Ora, que idéa? A quem irei eu contar?

— Palavra de honra? Bom... terei confiança...

A senhora deixa o guardanapo na mesa, e, com ar misterioso, começa:

— Imagina o seguinte... Julia Petrovna foi, um dia, dar um passeio a cavallo pelos montes. O tempo estava magnifico. A' frente, ia ella, com o seu guia. Atraz, eu. A dois ou tres kilometros do povoado, Julia Petrovna soltou um grito, e levou as mãos ao peito. O tartaro a susteve; teria cahido da sella se não fosse elle... Approximei-me d'ella, com o meu guia. — «Que foi? que aconteceu?» — «Sinto-me mal! eu morro! não posso ir mais adiante!» Imagina tu o meu susto: — «Voltemos!» disse. — «Não; não posso voltar, — contestou ella. — Se dou mais um passo, morro. Sinto vertigens». E pediu-me a mim e a Suleiman que fôssemos em casa, em busca de umas gottas que lhe fariam bem.

— Espera; não entendo... — balbucia o marido. — Dizias-me ha pouco que não tinhas visto os tartaros senão de longe; e agora falas de um tal Suleiman.

— Já principias com aineiras! — interrompe a senhora, sem se deixar perturbar. — Abomino essas suspicacias! Não as posso supportar! E' idiota e absurdo!

— Não sou suspicez; mas... de que serve mentir? Tu passaras com os tartaros... Para que esses embustes?

— E's impossivel! — protesta, indignada, a senhora. Está com ciúme de Suleiman! Queria ver como iras ao monte sem guia! Queria ver! Se não conheces nem entendes aquella vida, faras melhor calando-te. Es-tu-a, e cá'a. Alli não se póde dar um unico passo sem guia.

— Naturalmente!

— Faze-me o favor de deixar esses sorrisinhos tolos. Não sou uma Julia qualquer para supportar-os. Eu, embora não queira passar por santa, não permitia certas cousas... Não vê!... Manetkul; esse, passava todo o tempo com Julia Petrovna, e eu não... Quando davam as onze, basta... — «Suleiman, largol!» E o meu tartarozinho lá se ia... Eu o tratava com muita severidade... Apenas me vinha com algumas pretensões, por dinheiro, ou por outra coisa, eu, logo: — «Como? Que quer dizer isto?» Ah! ah! ah!... Não lhe chegava a camisa ao corpo. Sabes, Vasitchka? Tinha uns olhos negros como carvão... Uma carinha morena, uma graciosa cara de tartaro... Ah! eu? eu o tratava com muita severidade!

— Eu imagino... — murmura o esposo, fazendo bolinhas de pão.

— Estás maluco, Vasitchka; completamente maluco! Já sei o que estás suppondo... Conheço as tuas idéas... Mas, asseguro-te que, passeando, não conversava nunca. Iamos, por exemplo, a passeio nos montes ou na cascata de Urgha-Su. Eu ordenava, sempre: «Suleiman, atraz! Ouviu?» E o pobresinho tinha que ir atraz... Mesmo nos momentos patheticos, eu lhe observava: Apesar de tudo, não esqueças que és um tartaro, e eu a esposa se um conselheiro de Estado! Ah! ah! ah!...

Solta uma gargalhada, mas faz uma cara assustadíssima, exclamando:

— Mas, esta Julia!... esta Julia!... A gente pode fazer uma travessura, distrair-se... Porque não? E' preciso descansar um pouco da frivolidade da vida mundana... Eu penso assim. Divirtamo-nos, e ninguém nos lançará isto em rosto; mas levar isso a sério, dar escandalos, isso é que não! Imagina tu que ella estava com ciúmes de mim! Que toice! Uma vez chegou Manetkul... Era o seu galán... Ella não estava... Chamei-o para o meu quarto... conversamos... passamos um pedaço de tempo assim... São muito interessantes, os tartaros... A tarde passou sem nós o sentirmos... De repente chega Julia como um temporal... Encarou commigo, com Mametkul; armou-nos uma scena... Que horror!... Isto, Vasitchka, eu não comprehendo...

Vasitchka solta um «hum!» muito significativo, franze as sobrancelhas e caminha a grandes passos.

— Pelo que vejo, distraiste-te bem! — diz, sorrindo.

— Que estúpido! — replica a senhora. — Já sei o que estás imaginando! Tens sempre idéas perversas. De outra vez, já sei; não te contarei nada! Nada mesmo!

E cala-se, com uma cara compungida.

A=N=T=O=N C=H=E=J=O=V

- O MENINO DE NEVE POR ANTONIO FRANCESCO DONI -

(Trad. d' "A Maça")

Na região de Santa Lupo, na aldeia denominada Vallona, havia outr'ora, conta-se, um abastado camponez. Entre outros bens, possuía elle uma grande boiada, que costumava, em certas épocas do anno, conduzir a pastagens distantes, demorando-se ali varios mezes. Sua mulher, que ficava em casa, era uma creaturinha solida, e de bôa carne, e que, como todas as mulheres, tinha a cara na frente.

Ora, um dia, succedeu que um professor do logar a cortejasse, fazendo-a, na ausencia

"A ESCRIPTA É OUTRA"



Dactylographia com todos os dedos, sem olhar para o teclado, nem para a copia...

do marido, sua amante. E tão bem se portaram os dois, que, ao fim de algum tempo, deu ella ao mundo uma linda creança, que confiou a uma ama, fora de casa. E, assim, o menino cresceu.

Tempos depois, mandou vir a creança. E tratava-a com tanto carinho, trazendo-a sempre, maternalmente, sobre os joelhos, que o marido, ao regressar, perguntou:

— De onde sahiu esse menino?

— Como? — estranhou ella. — Então, tu não sabes que fui eu quem o fiz?

Ao pronunciar essas palavras, fazia-o ella no tom firme, seguro, de mulher que faz en-

golar ao seu marido as bolas mais intragaveis. E antes que elle replicasse:

— Não te recordas que, ha tres annos, cahiu aqui muita neve? Ah, que frio fazia, então! Or corvos tombavam nas estradas e viam-se os peixes enregelados, dentro dos poços! Brrr! que frio fazia! E eu toquei em tantas bolas de neve, que, um dia, ao entrar em casa, me senti grávida... Eu estou certa de que não foi de outra cousa senão de neve; e tanto assim que esta creança é alva como a neve de onde sahiu... Eu lhe puz, até, o nome de Bianchino... Não houve mal nenhum nisso, como vês... Sabendo, porém, como vocês, homens, são maldosos, fazendo das pobres mulheres o peor conceito possível, eu, para te não dar áridados á cabeça, mandei o pequenito para a casa de uma ama, fóra d'aquí, até que tu pudes- ses conhecer melhor, e julgar melhor, a tua bôa mulhersinha. E foi o que eu fiz agora, meu pombinho, tão doce e tão bom!

Embora a mentira fosse um pouco forte, o nosso homem, fazendo-se mais palerma do que era, simulou acreditar na aventura. Amava muito a mulher, e como a sabia superior á sua condição, pois que elle era rustico, e ella intelligente, não a queria perder, perdendo, ao mesmo tempo, os deliciosos prazeres que ella lhe dava. Isso não queria dizer, porém, que se conformasse em sustentar um filho alheio; até que, um bello dia, escolhido o tempo e o logar, decidiu sair com Bianchino, que nunca mais voltou.

Cançada de esperar, mas esperando ainda, a mulher pergunta ao marido que era feito do pequeno. O marido havia, porém, á sua custa, de tolo que era, se tornado expertalhão. E foi com a cara mais cynica deste mundo que informou:

— Minha bôa mulhersinha, eu te vou confessar. Outro dia, sem reflectir no que ia fazer, eu levei Bianchino commigo para passear. Tu sabes que tivemos um longo periodo de calor, e que, durante dois dias, o sol foi terrivel. E foi, então, quando eu vi que tu me havias dito a verdade, pois, com a temperatura que fazia, o pequeno começou a derreter-se, desfazendo-se em agua! Tu não imaginas como eu tenho me arrependido d'isso... Mas, perdôa a minha imprevidencia!...

A mulher, ao ouvir isto, desapareceu, e nunca mais se teve noticias d'ella.

ANTONIO FRANCESCO DONI

CRONICA PHOTOGRAPHICA DA CIDADE

ACONTECIMENTOS DA SEMANA



Dois instantaneos da resaca na praia do Flamengo e Avenida Mexico. Ao lado «Preguinho» o famoso campeão de natção do Rio de Janeiro. Nos outros «clichés»: Festa das coristas, na Casa dos Artistas. Recepção do representante diplomatico da Venezuela, commemorando a data da independencia do seu paiz. Instantaneo do jogo Vasco x Brasil, com a victoria do primeiro pelo score de 7 x 4.

Humoristas americanos

UMA DECEPÇÃO de POR MARK TWAIN

Devem lembrar-se que fiz ultimamente uma leitura publica dedicada aos alumnos da «Clayonian Society». Na tarde dêsse dia estava eu conversando com um dos alumnos supra referidos, quando elle me disse que um tio seu, por motivo desconhecido, parecia ter vivido permanentemente alheio a todas as emoções. E foi de lágrimas nos olhos que esse rapazinho me disse:

— Oh! se o senhor fosse capaz de o fazer rir uma vez! Oh! se me fosse dado vel-o uma vez chorar!

Isto impressionou-me. Não resisti nunca á voz da afflicção. Disse-lhe:

— Traga-o logo á minha leitura. Tentarei dar a seu tio uma commoção, para corresponder á sua vontade.

— Oh! se lhe fôsse possível, pelo menos, fazer isso! Se tal conseguisse, toda a nossa familia o abençoaria para sempre, porque estimamos muito aquelle tio. Oh, meu bem-feitor, se o pudesse fazer rir? — se pudesse humedecer com algumas lágrimas consoladoras aquelles olhos ressequidos?

Eu achava-me profundamente commovido. Disse-lhe:

— Meu filho, traga-me o seu velho parente. Introduzirei algumas graças na minha leitura que por força o hão de fazer rir, se dentro d'elle houver algum riso; e, se ellas errarem fogo, tenho então de reserva uns casos que o hão de fazer gritar por soccorro ou que talvez até o matem.

Então, o bom rapaz abraçou-se, chorando, ao meu pescoço, agarrou com ambas as mãos a minha cabeça, levantou os olhos ao céu, resmungou fôsse o que fôsse reverentemente, e foi buscar o tio. Sentou-o no logar mais saliente, na segunda fila de bancos, e eu comecei a leitura dirigindo-me a

elle. Principiei a experimental-o com uns gra-
cejos moderados; depois com outros mais pe-
netrantes; passei a applicar-lhe em dóse re-
gulada algumas observações tristes, voltando
logo a passar pelo crivo outras risónhas;
disparei-lhe para cima velhas anedotas e
polvilhei-o dos pés á cabeça com outras no-
vas em folha. Tomei calor na minha ta-
refa, e assaltei-o pela direita e pela esquerda,
pela frente e pelas costas; excitei-me, alvoro-
cei-me e gritei até ficar rouco e doente, fre-
nético e furioso — mas nem uma vez o agi-
tei de leve — não fui capaz de lhe arrancar
nem uma lagrima, nem um sorriso! Nem
a sombra de um sorriso, nem a suspeita de
uma lagrima! Eu estava pasmado! Encerrei
a leitura, por fim, com um grito de desespero
— com uma explosão selvagem de mau humor
— e atirei-lhe em cheio com uma atrocidade
sobrenatural a elle expressamente dirigida.
Nem pestenejou! Então sentei-me exausto e
desorientado.

O presidente da sociedade veio ter com-
migo, banhó-me a cabeça com agua fria,
e disse-me:

— O que é que o fez excitar tanto
agora para o fim?

Respondi-lhe:

— Estive tentando fazer rir aquelle ve-
lho e maldito idiota que está alli na segunda
fila.

E então o presidente disse-me:

— Bem, esteve a desperdiçar o seu tem-
po, porque elle é surdo e mudo, e cego
como uma toupeira.

Digam-me agora o que merecia o so-
brinho daquelle velho, que assim esteve abu-
sando da simplicidade de um homem tão sin-
cero como eu?



MARK TWAIN



Os mestres do Humorismo

CONFISSÃO DE UMA NOIVA POR ARTHUR AZEVEDO

Amélia ficou órfã de mãe quando tinha apenas oito annos de idade. Entregue exclusivamente a seu pae, o respeitavel Sr. Saraiva, que era o que se chama — não sei porque — um homem de letras gordas, não teria recebido a esmerada educação que recebeu, se não fosse a benefica intervenção de seu padrinho, o doutor Brites, advogado intelligente e instruido.

A moça aprendeu com facilidade o seu idioma, e ainda o francez, o inglez e umas tinturas de italiano.

Desde muito nova mostrou grande propensão para os estudos litterarios, e uma negação absoluta para as prendas inherentes ao seu sexo.

Aos dezoito annos não sabia cortar um vestido nem bordar uma almofada; em compensação, conhecia os mais celebrados auctores, com especialidade os romancistas francezes, pelos quaes mostrava uma predilecção inquietadora.

Aborrecia-se o pae de vê-la tão litterata, mas o padrinho, pelo contrario, estimulava-lhe o gosto, presenteando-a constantemente com livros novos, recommendando-lhe taes e taes obras, taes e taes auctores.

Tinha Amélia uma amiga intima, uma rapariga de sua idade, que um dia lhe communicou, muito alegre, ter sido pedida em casamento pelo joven que era o heroe obrigado das suas scismas.

Amélia, que por esse tempo concluiu a leitura de «Chérie», de Edmundo de Goncourt, e ficára a pensar em certo capitulo desse capitoso romance, que não é precisamente um romance, empaprou a amiga para dizer-lhe as impressões da sua primeira noite de noivado.

— Ora essa;... para que?... perguntou a outra, abrindo muito os olhos.

— Uma fantasia... um capricho... Desejo um assumpto assim para fazer a minha estrêa de escriptora.

— Que?! Tu queres ser escriptora?!

— Clandestinamente. Asseguro-te que n'nguem o saberá...

— Só eu...

— Só tu. Que queres? Desejo ardentemente ver uma producção minha em letra redonda.

— E porque pretendes tu estrear-te com um assumpto tão... tão...

— Por isso mesmo que elle é «tãotão», como lhe chamas, mais encanto acharei no mysterio do meu anonymato. Vamos: promettes-me?

Francelina prometteu, e cumpriu a promessa. Tres dias depois de casada escreveu a Amélia uma carta em que, bem ou mal, e o mais deli-

cadamente que lhe foi possivel, confiou á amiga as suas impressões mais intimas.

Dessa carta fez a imaginosa Amélia uma linda fantasia cheia de observação e de espirito, em estylo um tanto incerto, um tanto desordenado, sim, mas revelando um talento susceptivel de rapidos progressos.

Concluida e cuidadosamente copada a obra, Amélia intitulou-a «Confissão de uma noiva», assignou-a com uma inicial qualquer, metteu-a num «enveloppe» e enviou-a á redacção do «Correio do Povo», que naquelle tempo era no Rio de Janeiro a folha mais accessivel aos litteratos sem nome.

No dia seguinte a moça ergueu-se mais cedo que de costume, para esperar o entregador da folha, de que seu pae, o Sr. Saraiva, era assignante. Sentia o coração bater-lhe descompassadamente só com a idéa de ver a sua prosa impressa. Mas que decepção! — abriu o «Correio do Povo», porcerreu febrilmente todas as columnas, e nada! — tinham-lhe sido negadas as honras da publicidade! — e com os olhos da imaginação viu a «Confissão de uma noiva» desdenhosamente atirada no fundo de uma cesta de papeis inuteis.

— Abundancia de materia, talvez... Vejamos amanhã... pensou ella, buscando illudir-se a si mesma; e no dia seguinte foi, como na vespera, aguardar que viesse o entregador da folha... Nada! — a «Confissão de uma noiva» continuava a brilhar pela ausencia.

Tres manhãs consecutivas Amélia ainda se levantou muito cedo, na esperanza de receber um alegrão. Baldada esperanza! Decididamente os redactores do «Correio do Povo» não lhe tinham dado a minima importancia.

D'alí em diante voltou a erguer-se mais tarde, quasi á hora do almoço, mas procurava sempre com interesse o «Correio do Povo».

Um dia não encontrou a folha. A folha desaparecera.

Perguntou aos criados se a tinham visto. Nenhum deu noticias della.

Foi ter, afinal, com o Sr. Saraiva:

— Papae, o senhor viu por ali o «Correio do Povo»?

— Vi-o, sim, minha filha; vi-o e escondi-o.

— Escondeu-o? por que?...

— Porque vem lá uma historia muito immoral, intitulada «Confissão de uma noiva», que tu não deves ler.

Amélia mordeu os beiços, e em frente da critica paterna a sua vocação litteraria morreu no mesmo instante.

ARTHUR AZEVEDO

A Capital

RIO-S. PAULO

desde o seu inicio,
escolheu para sua
especialidade as ca-
misas para homens.

Por isso mesmo
nenhuma outra casa
tem maior nem mais
fino sortimento de
camisas de zephyr,
linho, tricoline e seda, cujos padrões
são o encanto dos olhos do freguez
mais exigente.



THEATRICE

Embaixada artistica

Não ha que duvidar: é este o assumpto palpitante nas rodas theatraes. Volta e meia, um empresario ou director de companhia sente cocegas e pensa em fazer, com a sua «troupe», uma excursão ao estrangeiro. Buenos-Aires, Montevideo ou Lisboa e Porto. Terras platinas ou península iberica, até comprehendendo Madrid e Barcelona. E' a tentação do «mambembe» de luxo.

Já a Republica Argentina e o Uruguay conheceram uma das nossas companhias de comedia. Portugal quasi ia conhecendo outra, se não sobreviesse a morte subita e tragica do braço direito da empresa. Aliás, nesta ultima tentativa, tambem se contemplava Paris, mettendo um literato no plano, a titulo de Barnum do pessoal e do repertorio.

Agora está de novo em fôco um projecto grandioso de viagem ao estrangeiro, propriamente a Portugal, com suas cidades mais importantes, e a Ilha da Madeira, de quebra.

Os nossos bons amigos portuguezes (falamos dos outros, d'além mar, e não dos nossos irmãos lusitanos d'aqui) os nossos bons amigos portuguezes irão, pela primeira vez, conhecer uma companhia nacional de revista. Uma companhia brasileira com um repertorio brasileiro, typico.

Excelente idéa! E não regateamos applausos ao aventureiro empresario que tal sonho concebeu e em novembro vae realisar-o. Do variado repertorio constarão peças dos Srs. Marques Porto e Ary Pavão, dos Srs. Ary Pavão e Marques Porto, dos Srs. Marques Porto e Affonso de Carvalho, dos Srs. Affonso de Carvalho e Marques Porto e tambem do Sr. Marques Porto, só.

As platéas portuguezas terão assim, logo de cara, uma idéa fresca da quantidade dos autores do genero revista. E as peças, por si, dirão, para confusão de Eduardo Schwalback, o quilate mental que as inspira e o bom gosto que as distingue.

Quanto ao elenco, tudo nelle impõe confiança pelos brasileirissimos elementos que o sustentam.

Estão a ver, é claro, que nos referimos ao bello projecto da empresa do Recreio, que, a bordo do «Curvello», especialmente fretado para esse fim, por alto preço, d'aqui a cinco mezes fará transportar da Guanabara ao Tejo a brilhante companhia de Revistas Margarida Max.

Falavamos do elenco. Se de agora até lá não se produziram modificações, as platéas lusas irão applaudir no proximo inverno os interessantes artistas nacionaes seguintes:

- Margarida Max, «pólista» da gemma.
- Henriqueta Briebe, que já foi hespanhola.
- Léa Sandimi, nascida no Catette.
- Laura Fonseca, oriunda do Estado do Rio
- Maria Ruiz, que abriu os olhos entre o Pão de Assucar e Corcovado.
- Julia de Abreu, idem.
- Etc.

Quanto aos homens, não faltam entre elles bom patricios que vão lá fóra illustrar o nome do theatro brasileiro de revista. Se duvidam, examinem a lista:

- J. Figueiredo.
- J. Mattos.
- João de Deus.
- João Martins.
- H. Chaves.
- Etc.

Todos cariocas. Até o maestro Christobal. Apenas Roberto Vilmar é estrangeiro.

Pena é que, para mais agudo nacionalismo da «troupe», já não pertençam á companhia a Sra. Adriana Noronha, do Paraná, e a Sra. Théo Dorah, do Amazonas.

Em compensação, restam as Sras. Wanda Rooms e Ivette Rosolen, cujos nomes immediatamente estabelecem identidade de pessoa e patria.

Vae ser um «succo», á maneira de embaixada de arte. Já serão fructos a colher da que acaba de fazer o Paulo de Magalhães.

«Viva Portugal».

Epitaphios scenicos

De Actrizes

M. M.

Quando ia entrar no buraco,
Bradou: — Ninguém me «reséste»...
E os vermes, tirando um naco,
Logo disseram: — «Sae, peste!»

A. G.

Chegando á eterna morada,
Onde a morte tudo agoura,
Ouviu: «Que mulher! que nada!
Isto é um cabo de vassoura»...

I. F.

Morta de tantas cancelas,
Emfim, pensou repousar.
Mas, logo, as mãos nas cadeiras:
— «Com quem é que vou brigar?»

De Actores

L. F.

Ao faltar-lhe o oxygenio,
Bateu com os punhos no peito:
— «Quem disse que Eu não sou genio?
Que inveja! Quanto despeito!»

P. F.

Quando entrou no cemiterio,
Disse ao coveiro: — «Tu ris?»
Mas, este, ficando serio:
— «Falta enterrar o nariz».

Theatrices

(Continuação)



«Cav. De Torre». — O acontecimento a que nos vamos referir é tão auspicioso que bem justifica darmos o nome do seu provocador á epigraphie desta nota. O Cav. De Torre é o actual «metteur-en-scene» da companhia de revistas do Theatro S. José, que neste momento occupa o João Castano. O vasto publico que tem affluído incessantemente ao antigo S. Pedro é testemunha

do verdadeiro milagre de encenação ali operado graças á multiforme operosidade de um verdadeiro director de palco. Aquillo que os chronistas diarios não pôdem ou não querem dizer nas suas secções, nós o exprimimos d'aqui, desassombradamente. O resultado obtido pelo Cav. De Torre, na revista «Se a moda pega», de Bittencourt-Menezes, se revela o dedo de um admiravel director de scena, do ponto de vista do gosto, tambem prova que o que faltava outr'ora era energia de commando. Com que substancias conseguiu o novo director o exito esplendido de agora? Com a mesma que mãos inhabeis ou preguiçosas antigamente não souberam ou se desinteressaram de plasmár como deviam.

A obra apresentada pelo Cav. De Torre é bem a de um «animateur». Ella devera, daqui por deante, servir de estimulo geral, de modo que, nunca mais, os responsáveis pela apresentação de uma peça ao publico a

unipho. E não era de esperar outra coisa de um conjunto artistico como o que reuniu o Sr. Armando de Vasconcellos, «A Luteira d'Entre-Arroios», «A Ultima Valsa», «Ben-amor», «A Prima Inglesa», todas essas operetas são batalhas ganhas com grande brilho. Ao que dizem os entendidos «O milagre da aldeia», já prestes a entrar para o cartaz, será uma das mais estrondosas victorias da interessante companhia portugueza.

CIRCO SARRASANI — A população da cidade está em festa desde a estréa do grandioso Circo Sarrasani. E essa alegria a todos attinge, quer se tenha cinco ou setenta annos. Nada é mais justificavel, porque, com effeito, ainda aqui não se tinha visto uma «troupe» do genero que fosse tão opulenta de divertidos elementos. Os acrobatas, os equilibristas, os conjuntos de «girls», os cavallos, camellos, dromedarios, «zebras», ursos e elephantes amestrados são de tal sorte excepcionaes que bem justificam o reclamo formidavel que precedeu entre nós a estréa do admiravel Circo Sarrasani. Apenas os palhaços não estão muito afinados com as nossas predilecções.

MUSICA... DE PANCADARIA — Em face da campanha que lhe está movendo «O Imparcial», o empresario Mocchi, respondendo a um cabogramma que d'aqui lhe foi enviado a indagar do criterio a ser adoptado por seus representantes, transmittiu esta frase breve: «Je m'en moque».

E' um «mot d'esprit» que não fica mto no testamento lyrico do quasi ex-arrendatario do Theatro Municipal.



Margarida Max

ensaíem com indifferença ou com exemplos pessoas de desrespeito pelo trabalho alheio. Só assim ficará encerrada a triste epoca em que um director abandonava os ensaios por uma semana a a fio e outro, collocando os artistas em scena, dizia:

— Vocês agora façam como quizerem...

Porque, ainda que pareça incrível, a coisa foi assim durante muito tempo.

CONTRA-DANÇA THEATRAL — A Companhia Garridos, no Rialto, permite á Companhia Leopoldo Fróes voltar ao Carlos Gomes, com o seu repertorio intacto e o seu elenco mexido, graças á saída das duas Souzas, mãe e filha. O S. José, tão convidativo, entra em faxina para receber os seus legitimos moradores, temporariamente installados no João Castano.

NO REPUBLICA — A roda dos successos continua a mover-se bem azcitada. Cada peça nova constitue novo tri-



Amalia Aveiro

CORONEL KHAR ONA





O REMORSO POB GARCIA DE RESENDE

Já faz tanto tempo e no entanto conservo ainda, sem uma mancha, sem um borrão de tinta, impressa na imaginação, a photographia perfeita dessa minha indignidade, animada pela coloração rubra do peccado!...

Foi o caso que, habitando uma florescente cidadesinha do Estado do Rio, combinei com um grande amigo meu, um excellente rapaz, namorarmos, de sociedade, a mesma moça.

Raul, achando magnifica a idéa, obrigou-se a encontrar a doidivanas capaz de desempenhar o papel com certa intelligencia.

E o seu dito o seu feito — a moça foi encontrada.

Chamava-se Elvira, uma loirinha de cabellos encaracolados e grandes olhos cariciosos, dois olhos que pareciam condensar todo o mysterio e toda a attracção magica do azul, dois olhos que tinham a serenidade abysmal da abóbada celeste!

Quando os fitava, humidos e quentes, ungidos de ternura delicada, tinha a impressão confortadôra de me sentir numa dessas regiões phantasticas que o azul do céu esconde ao olhar curioso do homem, entre um bando travêssos de graças e um cortejo triumphal de amôres, com as aguçadas settas em punho!

Por muitos meses a fio, representamos, menos mal, o nosso papel de actores mediocres e pouco avizados, naquella co-

media desinteressante de theatrinho infantil.

Havia scenas de ciúmes, ameaças, promessas de suicidio e todas essas cousas tôlas que a gente faz, quando ainda pensa que o homem só veio ao mundo para gostar de uma mulher bonita...

Eu via Elvira ás tardes e Raul, durante o dia, postados á esquina, num gargarejo ridiculo de provincianos...

No fim de certo tempo, por uma circumstancia qualquer, ausentei-me da localidade.

Nunca escrevi a Raul.

A luta pela vida, absorveu-me todo o tempo.

Tinha que contar com o meu esforço, tão somente, para grimpar, para crescer, subir, á cata do bello idéal sonhado na juventude.

Dous annos depois a saudade levou-me ao pé de Raul.

Queria abraçá-lo, queria recordar com elle os nossos soffrimentos, as alegrias todas que gozamos juntos, como dous irmãos d'alma que sabiamos ser...

Raul esperou-me á estação e com grande alvoroço participou-me que a bagagem já tinha seguido para sua casa.

Elle morava, quando foi de nossa separação, em um palacete, que seu pae tinha na cidade.

Chegados que fomos, disse-me Raul com uma tudonada de malicia:

— Quero te apresentar á minha espôsa!



O REMORSO PDR GARCIA DE RESENDE

E me não deixando acordar do assombro, da natural estupefação gritou: — Elvira! Elvira!

Imaginem com que cara, com que desapontamento, confuso, apprehensivo, apertei as mãos finas e mimosas de Elvira, aquella estouvada louquinha de nossa extravagancia de meninos...

Elvira estava uma linda mulher, uma creatura diabolica, na sua belleza seductora e altiva de loira castellã medieval!

A sua belleza infundia pavôr, era como aquella esplendida Rachel de Amado Nervo «hermosa como la luna, resplandeciente como el sol, terrible como em ejercito ordenado en batalla».

Cançado da fastidiosa viagem, num mixto moroso e desconfortavel da Leopoldina, deitei-me cedo.

Na manhã seguinte encontrei de baixo da porta um cartão de Raul, participando-me que, por um motivo imperioso, inadiavel, ausentava-se até á tarde.

Contrariou-me sobremodo a viagem brusca de meu amigo...

Por que? não sabia, mas um vago presentimento, trabalhava-me com intensidade...

Tinha medo do meu temperamento nervoso e vibratil de filho dos tropicos!

Tinha medo de uma loucura... de uma vertigem que me amordaçasse a razão, de um arrebatamento que me cegasse a consciencia...

Elvira chamou-me para tomar chocolate, com uma voz tremula, numa intimidade que me encheu de calefrios, de

um estremecimento frenetico que, como um choque brusco, percorreu-me o corpo...

Fui. Vestida com um lindo roupão de sêda, uma clamyde vaporosa, macia como arminho, Elvira era bem uma deusa pagã numa visão satanica de cenobita no deserto...

Um quer que seja de tôrpe e de sublime, de hidiondo e de divino, transformava a physionomia dessa mulher soberba, imprimindo-lhe um aspecto desenvolvido de corteza...

Olhos amortecidos, velados pela gase finissima da volupia, collo arfante, como um Oceano de espumas a se contorcer em anseios irados de vagalhões, labios tremulos, Elvira era uma tentação a me cumular de gentilezas, a encostar distrahida, a sua epiderme á minha epiderme...

E chegando-se a mim, pondo a sua carne em contacto com a minha carne em fogo, disse-me: amo-te muito, esqueceste-me mas eu te adoro, quero-te muito, vem...

E arrastou-me... Não tive fôrças para resistir, fui animal, fui covarde!...

Os sentidos rebellados fizeram de mim um inconsciente, um narcotizado, no praser nirvanico dum sonho oriental...

Não fui homem, fui desejo, fui ansia, fui estertor, vivi uma eternidade num beijo!...

Quando Raul chegou já eu estava de partida, levando, nos labios a imagem macábra dos beijos de Elvira e na consciencia o espectro sinistro de meu crime, o phantasma negro de meu remorso!...

GARCIA DE RESENDE



A "FLUXO-SEDATINA" é o GRANDE REMEDIO
DAS SENHORAS e SENHORITAS em todas as edades.

PORQUE?

1.º — Porque as PALPITAÇÕES, Dôres de cabeça, ENJOOS, Vista turva, PESO NA CABEÇA, Vertigens, DORES NO VENTRE, Falta de memoria, CANSAÇO, Falta de animo, VOMITOS, Falta de appetite, que PROVÊM SEMPRE do utero doente, que faz da mulher um CADAVER VIVO, desaparecem rapidamente com o uso da "FLUXO SEDATINA".

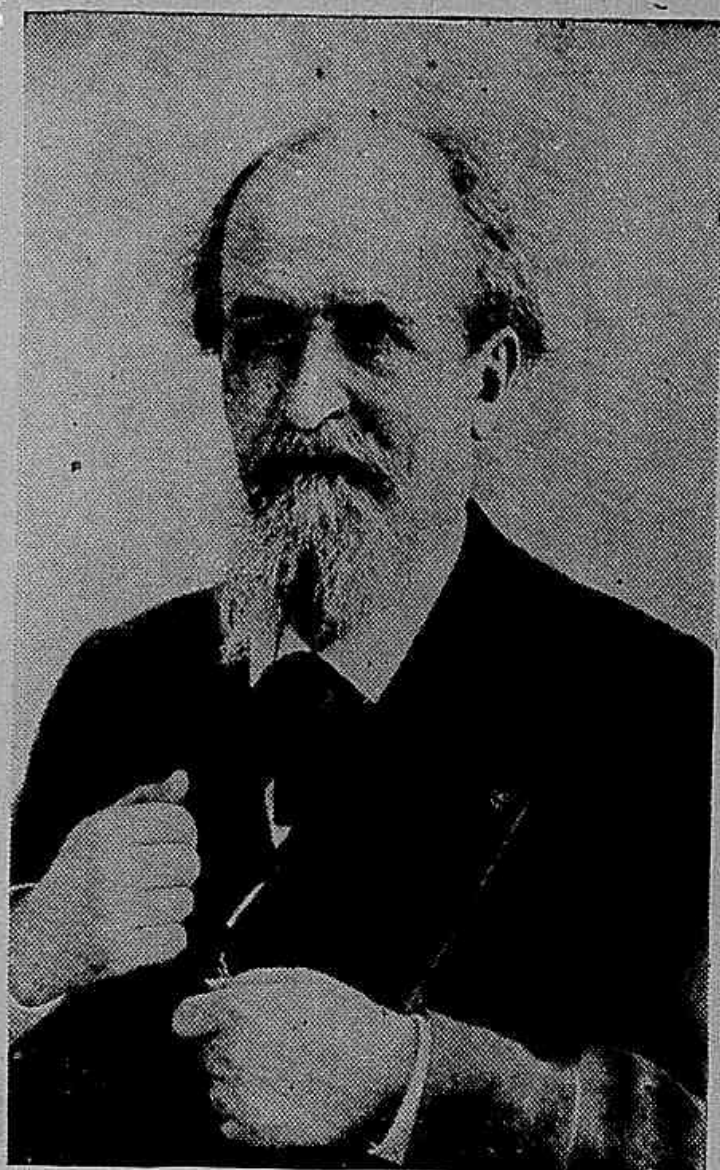
2.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" combate com vigor as IRREGULARIDADES da menstruação, como REGRAS dolorosas, REGRAS excessivas, FALTA de regras, SUSPENSÕES, COLICAS uterinas, CORRIMENTOS e INFLAMMAÇÕES DO UTERO.

3.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" engorda, restitue a ALEGRIA e a SAÚDE às MOÇAS PALIDAS, ANEMICAS, que soffrem de FLORES BRANCAS, Nervosia, INSOMNIA, Hysterismo, MAL-ESTAR e Doenças proprias da sua idade.

4.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" evita os abortos e suas CONSEQUENCIAS FATAES e nos Partos é um PODEROSO AUXILIAR, facilitando, diminuindo as dôres e EVITANDO as HEMORRHAGIAS.

5.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" é o unico medicamento eficaz que NUNCA FALHA. E' o GRANDE REMEDIO do utero, calmante, REGULADOR, sendo DIARIAMENTE receitado pelos medicos e pelas parteiras, e usada com resultados CERTOS em todos os Hospitaes e Maternidades da America do Sul.

✻ ✻ ✻ Licenciado pelo D. N. S. Publica, sob n. 67, em 28 de Junho de 1915 ✻ ✻ ✻



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

.....
O escriptor mais lido e popular do Brasil

.....
===== O autor mais alegre! =====

.....
===== O humorista mais subtil! =====

A apparecer até o fim do mez:

Pombos de Mahomet

Volumes já publicados:

VALLE DE JOSAPHAT	18. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6. ^o " " 5\$, " 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais
fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste
— — — e a sorrir a mulher mais melancolica. — — —

~~~~~ PEDIDOS A ~~~~~  
**LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO**  
**RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19**  
..... RIO DE JANEIRO .....